

Literatura digital dentro e fora da escola: a mediação da experiência estética na infância

Digital literature in and outside of school: the mediation of children's aesthetic experience

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2019v37n75p19-38>

ELIZABETH CARDOSO¹

ALINE FREDERICO²

RESUMO: O artigo discute como as características da literatura digital demandam um redirecionamento nas estratégias da mediação da leitura literária, deslocando o foco do mediador para as obras e a experiência estética. Para tanto, abordam-se a importância, os limites e os desafios da mediação da literatura, especialmente da literatura digital, na escola e em casa. Primeiramente, revisa-se o conceito de literatura infantil digital. Em seguida, consideram-se as relações entre mediador e leitor infantil, destacando a importância do corpo e da materialidade da experiência literária e a forma como esses se transformam na leitura digital. Examinam-se e ampliam-se os preceitos levantados, com o objetivo de refletir sobre a mediação para além do ensino da literatura, ou seja, com o propósito da fruição literária. Por fim, traz-se a análise do aplicativo *Spot*, com vistas às possibilidades de uma mediação centrada no potencial estético da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Aplicativo literário; literatura para infância; formação de leitores literários.

ABSTRACT: The article discusses how the features of digital children's literature require new strategies of literary mediation that shift the focus from the mediator back to the literary

1. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

2. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

work and the aesthetic experience. To do so, the importance, limits, and challenges of mediating children's literature at home and school, with particular attention to digital literature, are considered. The article starts with a revision of the concept of digital children's literature. Next, the relationships between mediator and child reader are discussed, emphasizing the importance of the reader's body and the materiality of the literary experience, and how these are transformed in digital reading. The analysis aims at reflecting on the mediation of digital literature beyond pedagogy, that is, with a focus on literary enjoyment. Finally, the literary app *Spot* is examined with particular attention to mediation strategies that support the work's aesthetic potential.

KEYWORDS: Literary app; children's literature; reading for pleasure.

INTRODUÇÃO

A literatura digital para a infância, que oferece uma poética multimodal baseada na interatividade e na participação do leitor, traz à tona questões urgentes a respeito da mediação literária que permeiam também a literatura impressa. Se a boa literatura para a infância contemporânea³ já coloca em xeque a posição clássica do mediador – como aquele que encaminha o leitor a uma interpretação “mais correta” ou “mais esperada” do livro, muitas vezes antes mesmo da leitura efetivamente acontecer, ou aquele que encaminha o leitor a atividades constantes antes, durante e pós a leitura –, o aplicativo digital evidencia ao ponto máximo o fato de que a atuação do mediador deve ser repensada, e este reposicionado diante do leitor e da literatura do século XXI.

O tema da mediação da literatura digital é complexo e atravessado por polêmicas. Dadas as limitações de espaço deste artigo, não é possível realizar uma reflexão vertical, mas procuraremos de modo breve colocar os principais pontos que acreditamos nortear sua teoria e prática. Iniciaremos com a discussão dos conceitos elementares que permeiam literatura infantil digital; na seção seguinte, trataremos da questão do acesso, para então abordar a mediação na escola e no lar. Finalmente, alinharemos uma análise do aplicativo literário *Spot* e suas possibilidades de mediação nesses dois contextos. As considerações e as análises apresentadas neste artigo objetivam a reflexão sobre como as propriedades e as características próprias da literatura digital para infância alteram a dinâmica entre leitores e mediadores, tanto na escola quanto no lar.

3. Referimo-nos à literatura que pressupõe o objeto livro como materialidade estética, a ilustração como imagem narrativa com aporte equivalente ao texto verbal e a arquitetura das palavras na marca da poeticidade. Citamos como exemplos a obra de Katsumi Komagata, Susy Lee, Angela Lago e André Neves.

A LITERATURA INFANTIL DIGITAL

O conceito de literatura infantil digital combina três complexas construções: o que é a literatura, o que é o digital e o que faz um texto ser voltado à infância. A definição de cada uma dessas três áreas envolve complexas discussões, levadas por inúmeros pensadores de diferentes áreas. Sem dúvida, a mais antiga é a questão do literário. A literatura traz dois aspectos essenciais: por um lado, sua relação com a palavra e a linguagem verbal e, por outro, sua essência como manifestação estética.

O termo “literatura” vem do latim *litteris*, que significa letra, estabelecendo uma forte ligação entre a literatura e a palavra escrita. A literatura, no entanto, antecede a palavra escrita, por exemplo, com cantos, relatos orais e o drama. Na contemporaneidade, o conceito de literatura ultrapassa a linguagem verbal, oral e escrita. Katherine Hayles (2008) resalta dois aspectos da literatura eletrônica que se relacionam a essa expansão da noção do literário: que a literatura eletrônica é multimodal, ou tende a apresentar diversos sistemas semióticos, como a linguagem escrita, a verbal, a visual e a sonora; além disso, a literatura eletrônica é híbrida, pois se relaciona com a literatura impressa, os jogos eletrônicos, o cinema, a arte digital, o *design* gráfico, etc. Dentro dessa combinação multimodal e de convenções e referências de inúmeros formatos, algumas obras abrem mão da palavra escrita e da linguagem verbal completamente. É, portanto, o caráter estético dessas obras que as mantém associadas ao conceito de literatura. A questão estética também é um aspecto de constante discussão na área de literatura infantil, principalmente porque a produção textual para crianças e jovens tem intrinsecamente a dupla faceta do estético-didático.

Textos com motivação estética são usados de maneira didática por pais e professores, e uma parte significativa dos textos mescla a motivação estética com a didática. Perry Nodelman (2008) afirma que um aspecto fundamental da literatura infantil é a existência de um “adulto escondido”, que perpassa todas as etapas de produção da literatura infantil, como a autoria, a edição, a distribuição e a mediação. Jacqueline Rose (1993) pondera que, devido a essa impregnação da visão e dos interesses dos adultos, uma literatura realmente infantil é um conceito impossível. Maria José Palo (2008, s.p.) apresenta uma visão alternativa, baseada no conceito de “literatura *de* infância”. Trata-se aqui, segundo a pesquisadora, de “língua de infância – um não-lugar onde funda-se o gênero infantil, onde há natureza singular, onde a fábula faz-se”. A infância representaria um espaço de linguagem ancorado na estranheza, no olhar ingênuo e curioso lançado ao mundo que se oferece mais à experiência que à interpretação

– características muito próximas à lógica da arte, conforme Chklovski (1973). Assim, a literatura apresenta um laço intrínseco com a infância, na sua capacidade de ver e expressar o mundo de maneira sempre nova e original.

A questão do digital na literatura é mais complexa do que parece. Textos digitais são aqueles gerados e reproduzidos por meio de linguagem computacional. No entanto, como discute Hayles (2008), a impregnação dos processos computacionais na textualidade contemporânea é tal que a produção impressa hoje em dia é, em grande parte, um resultado de processos digitais. No caminho inverso, muitos textos, criados originalmente para serem distribuídos de forma impressa, são digitalizados. Mas a literatura digitalizada não explora esteticamente a potencialidade do meio e, portanto, o conceito de literatura eletrônica está fortemente arraigado à noção de um texto “nativo-digital” (ARMSTRONG, 2008), que foi criado especialmente para esse meio e que faz uso das suas *affordances* para a criação literária. Na literatura infantil digital, essa distinção é, em geral, menos radical do que na literatura *mainstream*, pois uma grande parte das obras apresenta um antecedente na forma impressa. Há, portanto, que se definir uma linha tênue entre textos simplesmente digitalizados e aqueles que passaram por um processo de adaptação e se tornaram novas versões, que se enquadram na categoria de literatura verdadeiramente digital.

Neste artigo, o enfoque é nos aplicativos literários: obras de literatura digital disponibilizadas no formato de aplicativo. Por se tratar de um *software*, apresentam o potencial de utilizar todos os recursos da mídia digital para a construção poética. Desse modo, grande parte dos aplicativos literários gera obras nativo-digitais, e é nesse formato que as mais expressivas têm emergido na literatura infantil. Os aplicativos literários, no entanto, são acessíveis unicamente por dispositivos móveis do tipo *tablet* ou *smartphone*. Eles devem ser descarregados das lojas de aplicativos por meio de acesso à internet. Entretanto, a maior parte dos aplicativos literários não exige o uso constante da internet para funcionar: uma vez descarregados, podem ser usados em modo *offline*.

POTENCIAL E DESAFIOS DA LEITURA LITERÁRIA DIGITAL

Depois da pergunta “Isso é mesmo literatura?”, outro questionamento frequente à literatura digital é seu real potencial na formação do leitor literário. Diversos estudos fizeram a comparação entre a leitura em papel e a digital, na

infância, com o objetivo de medir a compreensão leitora e a aquisição de vocabulário. Por exemplo, Richter e Courage (2017)⁴ concluíram que não há diferença entre os formatos na capacidade do leitor de lembrar a história, mas as crianças estavam mais atentas e entretidas na leitura digital. Já Lauricella, Barr e Calvert (2014)⁵ sugerem que a compreensão na leitura impressa é semelhante à digital, mas, nesse caso, os pais demonstraram estar mais engajados na leitura digital. Essa vantagem da literatura digital em relação à tradicional também é discutida por Morgan (2013), que propõe o livro digital multimídia como ferramenta de aproximação entre o leitor e o livro, partindo do pressuposto de que a falta de motivação para a leitura vem de experiências não prazerosas: quanto mais a criança lê, mais quer ler; quanto menos lê, menos quer ler. O autor conclui que, para iniciar leitores ou reconciliá-los com os livros, vale tudo, pois, durante esse processo, as habilidades de leitura e concentração aumentarão, levando o leitor a textos mais complexos. Morgan esclarece a dimensão desse implemento via livro digital: melhor interpretação de texto; melhor pronúncia e capacidade de narração e melhor entendimento do vocabulário, pois a repetição de textos permite que as palavras sejam lidas/ouvidas quantas vezes for necessário.

Concluimos, então, que o livro digital pode colaborar com a formação do leitor resistente. No entanto, essa seria uma fase de transição, até a resistência ser quebrada. Mas apenas até aí? Não teria o aplicativo digital muito a oferecer ao leitor literário em termos de fruição, prazer e experiência estética?

Nossa resposta é positiva, mas será justificada mais adiante, quando analisaremos o aplicativo *Spot* e trataremos de seu potencial literário e estético. Antes disso, queremos ainda problematizar brevemente a elitização da internet e do livro digital, que replica a dificuldade de acesso ao livro impresso, e tratar de questões centrais à mediação do literário.

Sobre o primeiro ponto, cabe destacar que, ainda que a tendência seja de uma progressiva popularização da leitura digital, as pesquisas “Retratos da Leitura no Brasil” (FAILLA, 2012, 2016) revelam que ela é extremamente elitizada no Brasil.

4. O estudo comparou 79 crianças em situação de leitura compartilhada de uma história em formato impresso e de outra em formato de aplicativo literário contendo funções interativas e multimídia. Foram analisados a atenção em relação livro, ao adulto e fora da leitura, o engajamento e a comunicação, além da lembrança de conteúdos da história.
5. Esse estudo analisou 39 crianças de 4 anos lendo com um dos pais um livro impresso e um e-book. Foram consideradas na análise as respostas dos pais e as verbalizações das crianças.

Apenas 15% dos leitores⁶ usuários de *internet* usam a rede para ler livros (FAILLA, 2016), e o acesso a livros digitais se concentra fortemente nas classes mais altas: Classe A/B (53%), Classe C (42%) e Classe D/E (5%) (FAILLA, 2012).⁷ Assim, a dificuldade de acesso ao livro digital é ainda maior que a do livro impresso, indicando que estamos perdendo mais uma oportunidade de formar leitores.

A elitização da leitura digital se acentua no caso dos aplicativos literários, devido ao custo do equipamento. O *tablet* iPad da Apple, o mais caro da categoria, apresenta uma oferta maior de aplicativos, especialmente no que se refere a obras de maior experimentação e riqueza estética, do que os dispositivos Android, mais baratos. Essa situação gera outro obstáculo para a adoção da literatura digital na escola: a dificuldade de que todos os alunos tenham o mesmo tipo de equipamento.

Ponderadas algumas das questões que obstaculizam a leitura do aplicativo literário, fica a questão de como mediar essa leitura.

O CORPO E O GESTO AUTORAL DA LEITURA: A MEDIAÇÃO NA ESCOLA

Sabe-se que, na infância, a escola é o ponto principal de contato com a literatura. A maioria das crianças, especialmente os estudantes menos favorecidos economicamente, só acessa textos literários por meio dos acervos escolares. Assim, o professor tem posição-chave na formação do leitor, sendo muitas vezes o mediador de leitura que uma criança vai encontrar durante sua formação. Nesse contexto, muitas vezes, o termo “mediação” recupera o sentido original da palavra, de mediação judicial, em que o mediador é alguém que concilia, aproxima, busca o acordo entre duas partes. Ou seja, o professor é visto como aquele que aproxima (apresenta, oferece) a literatura e as crianças. Note-se que há aí um pressuposto, de muitos modos já superados, mas que ainda persiste em algumas frentes, de que a criança e o livro estão em litígio, de que a criança não gosta de ler ou não sabe ler literatura. Então, a função do mediador apresenta duas metas importantes para a formação do leitor e do estudante: simultaneamente, despertar o amor à leitura/literatura e ensinar conteúdos múltiplos – ensinar a ler, a se comunicar

6. A pesquisa diferencia leitor (aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses) e não leitor (aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses). A população brasileira está formada por 44% de não leitores e 56% de leitores.

7. Tal discussão está ampliada em Cardoso (2018).

pela oralidade e pela escrita, discutir sobre a história da literatura e suas obras canônicas e abordar os conteúdos transversais.

Esse segundo objetivo é tão extenso e denso, que acaba por dominar o planejamento do professor. Mesmo que ele busque incentivar a leitura do literário como fruição, seu papel de mediador acaba por ser consideravelmente tomado por métodos de imposição de interpretações e uma extensa agenda de atividades sobre o texto e com ele. Tal situação coloca o mediador no centro do processo, a leitura se estabelece a partir dele e sob seu comando. Ele age como um maestro das leituras, orientando sobre o que ler (atividades de pré-leitura), como ler (atividades durante a leitura) e o que interpretar da leitura feita (atividades pós-leitura).

Nesse cenário, o objeto livro, que deve ser o verdadeiro mediador entre o leitor e a literatura, é afastado do leitor (que muitas vezes só o vê de longe, nas mãos privilegiadas do mediador). O leitor fica impossibilitado de vivenciar a leitura em todas as suas facetas, mas especialmente no que diz respeito à faceta material, corpórea e sensorial. Nesse sentido, um aspecto fundamental da leitura literária, que é ressaltado pela literatura digital, é a importância da materialidade do texto e do engajamento do corpo do leitor no processo de leitura, que requer seu toque, olfato e audição, além da visão, conforme apontado por Manguel (1997, p. 277):

O leitor, ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua.

Merleau-Ponty (2002, p. 35-36) também nos ajuda a entender a centralidade do corpo na leitura, tendo em vista sua dupla função de mediar a experiência do corpo com o mundo – e do mundo com o corpo. O corpo que toca é tocado. O corpo que lê é lido. Ou seja, da mesma forma que não existe corpo sem experiência, não existe experiência sem corpo.

[...] Mas esse poder de ultrapassar-me pela leitura, devo-o ao fato de ser sujeito falante, gesticulação linguística, assim como minha percepção só é possível por meu corpo. [...] vejo-a [a página do livro] como uma única mancha à distância porque tenho um olhar e

um corpo ativo, que me tomam diante das mensagens exteriores a atitude conveniente para que o espetáculo se organize, se escale e se equilibre.

Chartier (1998, p. 77) ressalta que a história do livro é marcada por fases e transformações, no que diz respeito à sua materialidade – e, conseqüentemente, ao uso do corpo na leitura:

Os gestos [de leitura] mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

O livro para infância contemporâneo apresenta uma forte transformação nesse sentido, com suas inovadoras abordagens da materialidade do objeto livro – diagramação diferenciada, variedade de papéis e transparências, uso de materiais alternativos, como pano e plástico, e a primazia da imagem (livro-imagem). A literatura digital, em especial nos aplicativos literários, é também parte desse novo panorama, e requer uma nova gestualidade e presença corporal do leitor, pois pressupõe, ao solicitar dele a participação constante por meio da interação, uma altíssima integração entre a obra e o corpo do leitor.

Para acessar todas as dimensões da literatura, o leitor precisa de tempo e de silêncio, não de silêncio como ausência de ruídos, mas silêncio *sobre* o livro e a leitura, de modo que possa verdadeiramente experienciar a obra individualmente, e não ser guiado por interpretações predefinidas. No entanto, os mais modernos, respeitados e recomendáveis manuais de mediação de leitura apontam na direção do incentivo da leitura individual, mas, ao fim e ao cabo, a relegam a alguns minutos dentro de oficinas com duração de horas (BALDI, 2009; COSSON, 2014; SOUZA et al., 2010).

Para ampliar as perspectivas, é possível indicar algumas alterações importantes, necessárias ao processo de mediação da literatura digital na escola: i) a *inversão da proporção de tempo dedicado à leitura em grupo e à leitura individual* – a leitura individual deve ser priorizada, devido à importância da interatividade na experiência literária digital; ii) *o tempo dedicado à leitura deve ser priorizado*, pois uma característica de muitos aplicativos literários é a possibilidade de se construir múltiplas histórias, o que exige mais tempo; iii) *o distanciamento do mediador no momento da leitura*, pois, se ele

acionar os mecanismos de interação ou antecipar o mapa de navegação da obra, a leitura fica comprometida e perde muito do tipo de literariedade que esse suporte oferece. Portanto, além de superar a questão do acesso à tecnologia, a escola tem que enfrentar mudanças consideráveis na mediação, para ofertar e ler os aplicativos literários.

A MEDIAÇÃO NA LEITURA DOMÉSTICA

Já em casa, a leitura costuma envolver uma proposta de mediação bastante distinta da escolar. Estando a leitura doméstica imersa nas atividades cotidianas das famílias, na prática a mediação literária é bastante limitada, especialmente uma vez que a criança é alfabetizada. Normalmente, a mediação em casa fica mais concentrada no acesso ao livro, pois ele deve ser adquirido pelo adulto. Quando a mediação da leitura propriamente dita ocorre, por meio da leitura compartilhada, os mediadores, ainda que mais experientes que a criança, tendem a não se apresentar como especialistas na obra; muitas vezes estão também lendo a narrativa pela primeira vez e, portanto, há um maior equilíbrio na experiência entre criança e mediador. Assim, na leitura compartilhada em casa, é preferível chamar o adulto de coleitor.

A prática da leitura compartilhada em família apresenta inúmeros benefícios ao leitor infantil e é considerada muito importante no desenvolvimento do hábito da leitura. A pesquisa “Retratos da Leitura” (FAILLA, 2016) aponta que a mãe ou a pessoa responsável do sexo feminino é quem mais influencia o gosto pela leitura (11%); o pai ou o responsável do sexo masculino vem em terceiro lugar, com 4%; em segundo, temos os professores, com 7%, indicando que a família tem papel fundamental na formação de leitores. No entanto, ainda que não existam dados sobre a leitura compartilhada no Brasil, uma vez que a presença de livros no ambiente doméstico é restrita e há elementos culturais e de classe relacionados ao hábito da leitura compartilhada (HEATH, 1983), podemos afirmar, com certa segurança, que a maior parte das famílias brasileiras não lê com seus filhos. Se, na mediação da literatura na escola, existe uma demanda pelo distanciamento entre o mediador e a criança no momento da leitura, em casa a necessidade é oposta: é urgente o fomento da leitura literária compartilhada.

Os aplicativos literários, ainda que objetos híbridos, apresentam fortes conexões com o formato e a tradição do livro ilustrado. Inicialmente concebido com enfoque na criança pré-leitora, o livro ilustrado tende a ser projetado com vistas à leitura compartilhada, a chamada sua “dupla audiência” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011).

Segundo Sanders (2013), essa é uma característica que marca o livro ilustrado como gênero textual, pois ele apresenta um formato e uma estrutura narrativa verbo-visual pensada para uma situação de leitura em que o adulto lê o texto verbal e a criança, enquanto o escuta, lê o texto visual. A leitura compartilhada é, assim, um momento de grande proximidade, afetividade e interdependência entre leitor infantil e leitor adulto, uma proximidade que se manifesta fisicamente, na posse conjunta do objeto livro e por gestos que sublinham as palavras na página enquanto são lidas, ou apontam para os elementos de interesse ou surpreendentes nas imagens. A importância da leitura compartilhada em casa no desenvolvimento do hábito da leitura está fortemente ligada a essa imensa carga afetiva que liga criança e coleitor, que ocorre em grande parte pelo contato físico e material entre a tríade criança-adulto-obra.

No entanto, na leitura compartilhada de aplicativos, as características do meio digital e a forma como são utilizadas nas obras literárias alteram essa relação. A maior parte das obras não prevê uma interatividade compartilhada – enquanto um leitor interage, o outro deve aguardar, e, muitas vezes, a interação leva a uma mudança na história e não é possível – ou não convém, em termos narrativos – a repetição da interação.

Na pesquisa de doutorado de uma das autoras (FREDERICO, 2018), a situação de leitura compartilhada entre pais e crianças de 4 anos na Inglaterra foi observada e concluiu-se que o adulto apresenta uma função reduzida na leitura compartilhada digital – em primeiro lugar, porque a função de leitor-interator é frequentemente atribuída unicamente à criança e, em segundo, porque a função de leitura em voz alta, papel anteriormente atribuído ao adulto, é assumida pelo aplicativo. Essas características levam a uma alteração na dinâmica corporal na leitura compartilhada em meio digital, mudança que altera a afetividade e a proximidade entre coleitores. Desse modo, a desvalorização do papel do adulto que frequentemente ocorre na literatura digital contribui ainda mais para uma redução no hábito de leitura compartilhada, tão valorizado na mediação convencional. Sendo assim, é fundamental também um reposicionamento do coleitor na mediação da literatura digital em ambiente familiar.

SPOT: QUESTIONANDO OS MODELOS DE MEDIAÇÃO LITERÁRIA POR MEIO DA LITERATURA DIGITAL

Para aprofundar nossa reflexão sobre os desafios da mediação de aplicativos literários, tanto para professores quanto para os pais, vamos analisar o aplicativo

Spot, de David Wiesner (2015a)⁸. Tal escolha se deu por considerarmos que *Spot* exemplifica os momentos e as possibilidades de interferência do mediador, além, é claro, de seu potencial estético e narrativo inovador. O aplicativo foi premiado em diversas ocasiões, incluindo menção honrosa no prêmio Bologna Ragazzi Digital Award, da feira do livro de Bolonha, e o prêmio, concedido pela Associação Norte-Americana de Bibliotecas Escolares, de melhor *app* para o ensino e a aprendizagem.

Spot (que pode ser traduzido como um local, um ponto ou uma mancha) é uma narrativa interativa sem palavras, um universo ficcional construído através de imagens e efeitos sonoros. As ilustrações são belíssimas, ricas em cores e detalhes a serem explorados. A interação com a narrativa é constante, pois ler a história consiste em navegar visualmente por meio da interação. Existem três formas de interação principais: o gesto inicial, que define a navegação, é o movimento de *zoom*, feito com o toque simultâneo de dois dedos na tela, que fazem um movimento para fora, se afastando um do outro. O gesto funciona como uma metáfora para o mergulho realizado pelo leitor na história, que vai se desenrolando conforme os *zooms* vão sendo dados em cada imagem. Os dedos que deslizam sobre a tela parecem construir a representação de um corpo que nada: a cada “braçada”, se alcança um nível mais profundo do “mar” ficcional. Esse sistema de navegação é uma das grandes inovações do aplicativo, divergindo radicalmente do virar de página típico do livro em formato códex.

Uma vez que se chega a um dos cinco mundos possíveis, o movimento a ser realizado é o de navegação lateral: arrastando o dedo para a esquerda ou para a direita, se navega por um grande panorama. Nesse panorama, outras interações são possíveis, por exemplo: dar o giro de 180°, ativar por meio do toque os movimentos de alguns dos personagens ou estourar balões. A cada cena há uma trilha sonora específica, quase sempre para caracterizar o espaço ambientado – por exemplo, o som do fundo do mar para o universo aquático. Mas há momentos sonoros inusitados, como o do universo embaixo da poltrona, que surge ao som de um bossajazz. A proposta de leitura é circular, sem fim, pois cada um dos cinco universos remete aos demais.

Essa constante busca pela construção de sentido faz surgir uma segunda camada de experiência literária que se manifesta pelo corpo do leitor: a tensão de corpo inteiro de quem está em suspense, curioso e atento ao máximo. O leitor quer saber que história é essa, quem são esses personagens – alguns com uma tendência ao *nonsense*, já

8. Lançamento da editora Houghton Mifflin Harcourt, disponível para iPad pela AppleStore em diversos países, incluindo o Brasil.

outros fofinhos –, por que se repetem aqui e ali, o que estão procurando, que mundos estranhos, engraçados são esses, afinal. Essas questões motivam inúmeras leituras, até porque não se percebe tudo na primeira “folheada” ou, como nomeou Joyce (1997), na primeira “travessia” – metáfora sugerida para o percurso da leitura hipertextual, que se adéqua perfeitamente para nomear a experiência de leitura digital proposta por *Spot*.

O ponto inicial é uma joaninha, cujo *zoom* provocado pela ação do leitor sobre a mancha de sua carapaça revela uma ilha, que a ação de mais um *zoom* mostra conter outra ilha dentro de uma de suas baías. No centro dessa ilha há uma casa, e dentro da casa uma oficina comandada por joaninhas. Ao se aproximar mais (sempre com o gesto dos dedos acionando o *zoom*), o leitor se depara com a mesa de trabalho das operárias, que estão construindo estranhas figuras de metal.

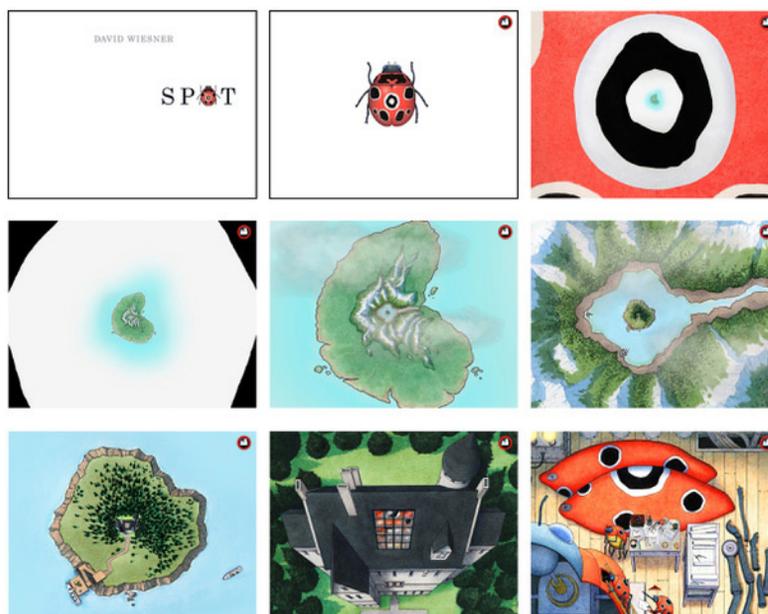


Figura 1: Sequência de capturas de tela de *Spot*. Cada imagem indica a transformação da narrativa após um gesto de “zoom”.

© 2015 Houghton Mifflin Harcourt. Todos os direitos reservados.

Nessa mesa encontramos muitos projetos, maquetes, lápis, cadernos de anotações, uma xícara de café e arquivos de trabalho, ou seja, a mesa de um

projetista. Projetista de quê? Seria do próprio aplicativo? Seria então a mesa do artista? Estaríamos, portanto, diante de um elemento de metanarrativa, a história dentro da história. Um dado que corrobora essa hipótese de leitura é a inscrição da palavra “Spot” em todos os papéis da mesa.

Após várias leituras, o leitor começa a notar que a mesa também poderia abrigar uma investigação sobre esses mundos que se desdobram. Dois indícios disso são: i) o fichário nomeado “worlds” (mundos), que contém o nome dos universos a serem desbravados. *Mekanicos*, um mundo de robôs; *Katzaluna*, um mundo de gatos; *Oceana Prime*, um mundo subaquático; *Lower Rügg*, um pequeno mundo debaixo de uma poltrona, e uma estação espacial que está nomeada em idioma alienígena irreproduzível. E ii) a edição de um jornal impresso cujo título é *The Spot* (irônica a presença de uma mídia convencional).



Figura 2: Captura de tela da cena que mostra a mesa do projetor, portal inicial de acesso aos diversos mundos de Spot. Esses mundos são assinalados por círculos que emanam das imagens e indicam o local de interação ao leitor.

© 2015 Houghton Mifflin Harcourt. Todos os direitos reservados. A mão em cinza é uma anotação das autoras, indicando em verde o gesto a ser realizado para “mergulhar” na história.

A necessidade de atuação por meio do gesto de *zoom* promove novas relações materiais entre o leitor e o objeto que é lido. Por um lado, há a necessidade constante da participação do leitor. Embora haja trechos em que a animação se desenrola automaticamente, como no desfile dos gatos, quando os carros alegóricos percorrem a avenida, em geral é o movimento do leitor que faz a história acontecer. A interação continuada, no entanto, não é motivo de distração do leitor; pelo contrário, o gesto guia o olhar do leitor que percorre a rica narrativa visual.

Spot questiona os elementos tradicionais da literatura infantil em diversos níveis. Não é uma narrativa linear, os mundos existem paralelamente e podem ser explorados em qualquer ordem. É, portanto, a linearidade da experiência literária de cada leitor que vai construir um fio narrativo, gerando uma infinidade de percursos e histórias individuais. Como há muitos caminhos a serem percorridos, não é só a ordem desses elementos que varia, mas os aspectos que são revelados, e aqueles que permanecem escondidos são também fundamentais na construção da narrativa. Em cada mundo, vários elementos inusitados instigam a imaginação do leitor e conexões entre os mundos, mas não há uma narrativa unificadora definitiva. David Wiesner, no manual para pais e professores que pode ser baixado do *site* da editora, diz sobre a obra: “É uma *sugestão* de narrativa. Não existe um único caminho, ordem ou maneira de experienciar o aplicativo e suas histórias. Não existe ‘resposta certa’: é do jeito que cada leitor quiser que seja”⁹ (WIESNER, 2015b, s.p.). A experiência é multissensorial ou “poliéstética”, como propôs Engberg (2014), e essas características narrativas, que valorizam a multiplicidade de verdades, em detrimento de uma verdade universal, reforçam um elemento que é central à leitura literária, mas, muitas vezes, é negligenciado em situações de mediação: a literatura como arte privilegia a experiência estética. É na experiência de estranhamento promovida pelo literário, e que ocorre no momento mesmo em que a obra é lida, pela primeira, segunda ou enésima vez, que a literatura enquanto experiência estética se desenrola.

MEDIANDO SPOT NA ESCOLA

Spot, portanto, apresenta um grande desafio para a mediação, seja na escola ou em casa. Na escola, onde a literatura é frequentemente vista como uma ferramenta para o ensino da compreensão textual e os leitores são estimulados a ler buscando a

9. Tradução das autoras.

resposta certa, a falta de uma resposta única a ser desvendada pelos leitores desloca a centralidade da experiência literária do professor, como “autoridade do saber”, para o texto e o momento da leitura. Desse modo, o foco – e, portanto, o tempo designado em sala de aula – deve ser no momento da leitura, dando amplas oportunidades para o leitor fazer sua travessia em seu próprio passo, com tempo suficiente para esboçar as conexões necessárias para a construção de uma – a sua, individual – narrativa.

As descrições acima são propostas de leitura, mas certamente as crianças levantarão outras hipóteses para a interligação desses cinco inusitados e surpreendentes universos. A mediação aqui não deve ser, portanto, imediata, mas interposta apenas depois que a criança esgotar suas possibilidades de exploração. Caso contrário, a proposta central de múltiplas possibilidades e o encanto do aplicativo são perdidos. Tanto é que o autor dá indicações mínimas do que se deve fazer em cada tela. Mesmo que o leitor demore, se perca ou fique estagnado em um dos mundos, sua percepção e interpretação é que vão construir a história.

Após várias travessias individuais e autônomas, em que o leitor teve a chance de explorar os diversos mundos e construir sua própria versão da narrativa, chega o momento da mediação por parte do professor. Uma possibilidade seria a reconstrução coletiva da narrativa. Tendo o iPad conectado a um projetor, alguns alunos selecionados podem reproduzir uma parte de sua travessia, com a intervenção geral da classe, que pode sugerir desvios e modificações. Nesse momento as crianças vão compartilhar suas descobertas de ferramentas de interatividade e descobrir/revelar elementos não percebidos antes. Uma outra intervenção possível da mediação seria levantar perguntas sobre os universos, os personagens, a história que é contada. Muitas versões devem aparecer, e todas, desde que pautadas em elementos do texto, devem ser valorizadas como válidas. As atividades pós-leitura seguem o roteiro habitual de sugestão de reconto por meio de outras mídias: a escrita, o teatro, o desenho, as colagens, etc. É possível também fazer a comparação com outros livros ilustrados, especialmente o livro-imagem e as edições em papel que também trabalham com efeito de *zoom* para contar uma história. Qual a diferença entre o livro impresso e o aplicativo? seria uma pergunta a ser levantada, dando oportunidade para introduzir tanto a intertextualidade das obras, quanto a discussão sobre tecnologia e arte. Algumas sugestões de atividades estão disponíveis no manual proporcionado pela editora (WIESNER, 2015b), em que também há diversas informações sobre como a obra foi concebida e construída e detalhes sobre algumas das narrativas existentes no aplicativo. Recomenda-se o cuidado para não tomar a versão do autor

como a correta ou verdadeira para não contrariar o princípio fundamental da obra, claramente discutido no manual, de promover múltiplas narrativas.

MEDIANDO SPOT NO AMBIENTE DOMÉSTICO

Em razão da riqueza e do potencial dessa obra aberta e da importância da leitura compartilhada na infância, a indicação de mediação de *Spot* em casa é diferente da mediação escolar. Devido à centralidade da afetividade e da sociabilidade envolvidas na leitura realizada no lar, pais e outros responsáveis são convidados a se sentar com a criança e compartilhar a narrativa. Mas é importante ressaltar novamente que o mediador é, antes de tudo, um coleitor, aquele que lê *junto* com a criança. Dessa forma, a proximidade, o afeto e a partilha entre leitores podem se dar pela curiosidade, pelo desejo de descoberta e de construção conjunta da narrativa. Em *Spot*, a audiência dupla pode se encontrar unificada, pois a narrativa é sofisticada de um modo que não privilegia o adulto ou a criança, mas ainda assim é preciso que o adulto esteja atento para não deixar sua posição de autoridade resultar na imposição da sua interpretação em detrimento da leitura da criança.

Spot é uma narrativa *crossover*, que pode ser explorada por leitores de todas as idades, desde bebês a adolescentes e adultos, pois a exploração e o desejo de construir sentido em um universo rico visual tem apelo universal. A linguagem verbal, ainda que ausente na narrativa, pode se tornar extremamente importante no compartilhamento entre coleitores. É muito provável que tanto adultos como crianças estarão cheios de perguntas e questionamentos quanto aos elementos enigmáticos de *Spot* e poderão responder essas questões juntos, criando hipóteses e construindo sentidos de maneira dialógica. De acordo com Maine (2015), um “espaço de possibilidades” é criado na leitura dialógica. Obras abertas como *Spot* são ideais para esse tipo de interação. Para o coleitor, o cuidado para não se sobrepor à narrativa infantil é fundamental, além da possibilidade de fazer perguntas, mais do que dar respostas, quando a criança precisar de suporte, tanto para navegar, como para compreender a narrativa visual.

Em relação à interatividade, *Spot* privilegia apenas um leitor-interator, papel costumeiramente atribuído à criança, em detrimento do coleitor (o adulto). Como na maioria dos aplicativos, a experiência gestual é central na experiência literária de *Spot*, e o interator será, portanto, aquele que desfruta mais amplamente da poliestética da obra. Isso não quer dizer que o adulto deve abster-se da interação. Uma

vez que *Spot* apresenta diversos mundos, é possível que haja uma alternância na interação entre leitor adulto e leitor infantil em cada um dos mundos.

Finalmente, retomando o potencial de leitura autônoma de *Spot*, ficam valendo os comentários feitos anteriormente para a leitura na escola. É uma oportunidade para a criança construir sua própria narrativa individual, que pode ser compartilhada depois com o adulto, mas, muitas vezes, depende do adulto retomar essa experiência, discuti-la e ampliá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura digital, que valoriza outras linguagens além do verbal e convida o leitor a participar ativamente da construção da narrativa, apresenta um grande desafio para a mediação, tanto na escola como no ambiente familiar. *Spot* exemplifica por excelência essa mudança de panorama, convidando o leitor e o mediador a se concentrarem no momento da leitura, na experiência (poli-)estética, para a construção de múltiplas narrativas. Cada leitor tem sua própria voz, e todas as vozes são válidas e bem-vindas. O toque na obra se transforma num toque que tem poder de transformação, alterando a relação corpórea e material da leitura literária. Esse enfoque radical, que se opõe às práticas tradicionais de mediação, se alinha com a valorização da literatura pela literatura, do prazer e do estranhamento que a literatura provoca e também de aspectos essenciais do aprendizado humano, independentemente de currículos e exames.

Com essa discussão e exemplo, propomos que, na escola, os mediadores revejam sua prática de mediação, não só para acomodar e explorar todo o potencial poético inovador que a literatura digital pode proporcionar, mas para alterar as práticas de mediação em relação à literatura tradicional, dando mais espaço para o momento da leitura individual e para a exploração da multiplicidade de pontos de vista possíveis, existentes na leitura de qualquer obra literária. Em casa, por sua vez, uma obra rica e complexa como *Spot* se apresenta como uma grande oportunidade para fortalecer o hábito da leitura compartilhada, estabelecendo relações afetivas e promovendo o prazer da leitura através das trocas interpessoais e da coconstrução da narrativa entre criança e coleitor.

O corpo que lê em casa pode e deve estar em sintonia com o adulto/familiar que lê junto com a criança. Essa proximidade está baseada na afetividade e na sociabilidade próprias do espaço familiar. Cabe ressaltar, também, que em casa a criança

terá muito tempo para leituras individuais, pois ela é autônoma em suas escolhas e caminhos de leitura. Na escola o ambiente é outro. Ali, o adulto que faz a mediação está impossibilitado de fazer a leitura um a um e, quando leva a leitura para o coletivo, o corpo que lê se perde, se ausenta da experiência da leitura – prejudicando-a. Por isso a importância de garantir mais tempo para a leitura individual em ambiente escolar e mais afeto na leitura compartilhada em casa.

A formação de leitores depende da criação de experiências positivas em torno do literário, e nesse processo não há barreiras que separam a casa e a escola. Ainda que as práticas de leitura nesses contextos sejam distintas, conforme destacado neste artigo, ambas são fundamentais e complementares na criação do hábito de leitura e no desenvolvimento do prazer de ler e do senso estético na infância.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, C. Books in a virtual world: The evolution of the e-book and its lexicon. *Journal of Librarianship and Information Science*, v. 40, n. 3, p. 193-206, 2008.
- BALDI, E. *Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura*. Porto Alegre: Projeto, 2009.
- CARDOSO, E. Literatura infantil digital e impressa: possibilidades não excludentes na formação de leitores. In: NAVAS, D.; CARDOSO, E.; BASTAZIN, V. (Org.). *Leitura e ensino: territórios em diálogo*. São Paulo: Educ; Capes, 2018.
- CHARTIER, R. *As aventuras do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: TOLEDO, D. de (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.
- ENGBERG, M. Polyaesthetic sights and sounds: Media aesthetics in the fantastic flying books of Mr. Morris Lessmore, upgrade soul and the vampyre of time and memory. *Sound Effects: An Interdisciplinary Journal of Sound and Sound Experience*, v. 4, n. 1, p. 21-40, 2014.
- FAILLA, Z. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: IMESP, 2012.
- FAILLA, Z. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FREDERICO, A. *Embodiment and agency in digital reading: Preschoolers making meaning with literary apps*. 2018. Tese (PhD em Educação) – Faculty of Education, University of Cambridge, Cambridge, Reino Unido. Disponível em: <<https://doi.org/10.17863/CAM.31007>>.
- HAYLES, K. *Electronic literature: New horizons for the literary*. Notre Dame, Ind: University of Notre Dame Press, 2008.
- HEATH, S. B. *Ways with words: Language, life, and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- JOYCE, M. Nonce upon some times: Rereading hypertext fiction. *Modern Fiction Studies*, v. 43, n. 3, p. 579-597, 1997.

- LAURICELLA, A. R.; BARR, R.; CALVERT, S. L. Parent-child interactions during traditional and computer storybook reading for children's comprehension: Implications for electronic storybook design. *International Journal of Child-Computer Interaction*, v. 2, n. 1, p. 17-25, 2014.
- MAINE, F. *Dialogic readers: Children talking and thinking together about visual texts*. London: Routledge, 2015.
- MANGUEL, A. *Uma história de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MERLEAU-PONTY, M. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- MORGAN, H. Multimodal children's e-books help young learners in reading. *Early Childho/ Educ*. New York: Springer Science+Business Media, 2013.
- NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo, Brazil: Cosac Naify, 2011.
- NODELMAN, P. *The hidden adult: Defining children's literature*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.
- PALO, M. J. Abertura. In: JORNADA DE LITERATURA DE INFÂNCIA, 1., 2018, São Paulo. São Paulo: PUC-SP, 2018.
- RICHTER, A.; COURAGE, M. L. Comparing electronic and paper storybooks for preschoolers: Attention, engagement, and recall. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 48, p. 92-102, 2017.
- ROSE, J. *The case of Peter Pan: or, The impossibility of children's fiction*. Philadelphia, Pa: University of Pennsylvania Press, 1993.
- SANDERS, J. S. Chaperoning words: Meaning-making in comics and picture books. *Children's Literature*, v. 41, n. 1, p. 57-90, 2013.
- SOUZA, R. J. de et al. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- WIESNER, D. *Spot*. Aplicativo disponível em: <<https://itunes.apple.com/us/app/david-wiesners-spot/id963746523?mt=8>>. Houghton Mifflin Harcourt, 2015a.
- WIESNER, D. *David Wiesner's Spot: A parent & educator guide (multi-touch edition)*. [s.l.] Houghton Mifflin Harcourt, 2015b.

SOBRE AS AUTORAS

Elizabeth Cardoso é professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária na PUC-SP. Doutora em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP), com estágios de pesquisa na Universidade Estadual de Nova York (Estados Unidos) e na Universidade Complutense de Madri (Espanha). Concluiu Pós-doutorado na Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É vice-líder do Grupo de Pesquisa Literatura Infantil e Juvenil "A voz escrita infantil e juvenil: práticas discursivas" (PUC-SP). Ministra cursos de extensão, participa de congressos e tem várias publicações acadêmicas na área. Seus livros mais recentes são *Literatura e Ensino – Territórios em Diálogos*, Capes-EDUC e *Feminilidade e Transgressão - uma leitura da obra de Lúcio Cardoso*,

ensaio crítico pela Humanitas-Fapesp. Como escritora de ficção: *Todo mundo é misturado*, romance infantojuvenil, Brinque Book/Escarlate, 2016, e *Tarcirurgia, Bartolomeu e Pluminha*, conto infantil ilustrado, Bamboozinho, 2017.

E-mail: elizcardoso@terra.com.br.

Aline Frederico é pós-doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária na PUC-SP. Possui Doutorado em Educação (Universidade de Cambridge, Inglaterra), Mestrado Interdisciplinar em Literatura Infantil (Universidade da Colúmbia Britânica, Canadá) e Bacharelado em Editoração (USP). É integrante do Grupo de Pesquisa “A voz escrita infantil e juvenil: práticas discursivas” (PUC-SP) e curadora do website Literacy Apps, do National Literacy Trust do Reino Unido (<http://literacyapps.literacytrust.org.uk>). É autora de diversos artigos em periódicos nacionais e internacionais e possui anos de experiência no mercado editorial, trabalhando na publicação de conteúdos impressos e digitais para crianças e jovens.

E-mail: dr.aline.frederico@gmail.com. *Site*: www.alinefrederico.com.

Recebido em 23 de novembro de 2018 e aprovado em 17 de dezembro de 2018.